

# IMPrensa Espírita e Elite Letrada no Brasil Oitocentista

Alessandro Santos da Rocha  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
[alessandro.metep@gmail.com](mailto:alessandro.metep@gmail.com)

César de Alencar Arnaut de Toledo  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
[caatoledo@uem.br](mailto:caatoledo@uem.br)

**Palavras-chave:** Imprensa Espírita. História da Educação. Brasil Oitocentista.

## 1 Introdução

Na segunda metade do século XIX o catolicismo participava do processo educativo, deixando em evidencia o ideário conservador que ocupava os meios letrados da Corte e estampavam suas ideologias nas páginas dos jornais da época. Porém, alguns grupos de intelectuais passaram a buscar outras concepções divulgadas como inovadoras e que partiam da Europa para várias partes do mundo, dentre elas, o Brasil.

As ideias vistas como inovadoras eram disseminadas na imprensa brasileira, a qual estava a serviço dos intelectuais modernizantes, sobretudo as que se afirmavam científicas, como o Positivismo, o Evolucionismo e também o espiritismo. Por mais que tenham suas particularidades, as premissas européias divulgadas na imprensa, não afrontavam aos aspectos morais presentes na Corte, pelo contrário, somavam-se a elas. Os modismos europeus estabeleciam princípios para as ações dos intelectuais do país, especialmente, para aqueles que tinham a pretensão de atualizar a política, a economia e a religião.

As vertentes religiosas presentes no Brasil não negavam a necessidade de uma formação moral e progressista. Exemplarmente, a propaganda espírita que propalava não existir salvação fora da caridade, não foi opositora dos ideais religiosos que dominavam a educação oitocentista.

A educação é uma das potencialidades da imprensa, pois os jornais e as revistas podem fomentar processos educativos ao mesmo tempo em que informam ou divertem. Para o Historiador da Educação que até seu foco na imprensa, ergue-se uma gama de

possibilidades para reescrever momentos ímpares da educação que ficaram registrados nos periódicos, sejam eles os jornais políticos, as revistas religiosas ou os panfletos noticiosos.

No presente estudos analisamos a imprensa autodenominada espírita, especificamente a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, que foi publicada pela primeira vez em janeiro de 1881. A responsabilidade da revista estava a cargo dos membros da Sociedade Acadêmica que levava o mesmo nome - Deus, Cristo e Caridade, fundada por Bittencourt Sampaio em 1876.

O trabalho objetivou identificar a concepção de educação presente nos intelectuais que utilizaram habilmente a imprensa para instruir dentro dos princípios do espiritismo Kardecista. Os discursos apresentados nos jornais e revistas espíritas emergiram de intelectuais com acepções ideológicas, os quais conciliavam os anseios pela educação seguindo os princípios doutrinários do espiritismo recém-chegado ao Brasil, mas que não fugiam do ideário conservador do período.

## **2 Imprensa, Periódicos Espíritas e a História da Educação: questões de método**

A imprensa, fundada no Brasil com a chegada da Corte Portuguesa em 1808, era responsável por deixar os seus leitores informados do que ocorria nas terras do Velho Mundo. Suas páginas foram utilizadas em prol de um novo modelo político pautado nas idéias liberais surgidas em decorrência das revoluções européias do século XVIII.

No processo de instauração da República, a imprensa também esteve presente, noticiando os fatos que estavam por trás das transformações políticas que colocavam em xeque a vigência do Império. Os jornais da época não pouparam de assumir lados, ora conservadores, ora liberais. Nessa perspectiva, as ideias transmitidas pela imprensa conclamavam a outra forma de pensar, conduzindo para uma concepção pedagógica informal.

No Brasil oitocentista, os letrados faziam valer seus interesses em busca da hegemonia política, declarada nos círculos de intelectuais. A elite letrada estava atenta às mudanças, sem dizer que reivindicavam a modificação urgente das relações sociais, algo que era perceptível no discurso entre liberais e monarquistas. Conforme José Carlos Souza Araújo, a pesquisa em educação, feita em periódicos, não “[...] trata somente de pesquisas advindas da imprensa denominada educacional, mas de investigações em jornais e em revistas que não têm necessariamente um cunho educacional” (ARAÚJO, 2002, p. 59).

As transições observadas na história política nos anos oitocentos não resultaram em transformações capazes de alterar o modelo conservador, deixando o Brasil com uma

estrutura que privilegiava o ambiente rural em detrimento dos ambientes urbanos que estavam se desenvolvendo. Juntamente com a urbanidade, a imprensa se estabelecia como um novo espaço, aberto para inovações que não ameaçassem a estrutura posta. Sobre esse contexto, a historiadora Ana Luiza Martins esclarece que:

Todavia, o novo espaço e modo de fazer da imprensa do Segundo Reinado – que se estendeu de 1841 a 1889 – não se deram de pronto. Isso porque, a despeito das transformações institucionais advindas da Independência, do Primeiro Reinado, da Regência e agora da Maioridade, a mudança fundamental não se dera. Em lugar da república livre e laica, cogitada pelos liberais, vingara a monarquia centralizadora e católica, na qual Igreja e Estado prosseguiram compartilhando o poder enquanto o regime escravo – levado as últimas conseqüências com a entrada dos maiores contingentes africanos – consolidou a tradição monocultora e a ordem estamental do país, mantendo os tradicionais obstáculos como forte entrave para a propagação de uma imprensa livre e atuante (MARTINS, 2008, p. 47).

Assim sendo, investigar a imprensa e especialmente os processos pedagógicos que nela se projetaram, requer aceitar os problemas postos numa sociedade com contradições. A imprensa espírita do período não foge desta premissa e mostra o discurso de intelectuais que disseminavam uma nova moral, pautada em tendências religiosas inovadoras e panfletando uma concepção científica que correspondesse aos seus interesses.

A discussão metodológica sobre o uso dos periódicos espíritas como fonte para a pesquisa em História da Educação abrange uma discussão mais ampla, que sugere retomar o debate da imprensa como um todo e a sua utilização nos estudos que desvelam a historicidade do processo educativo. Nessa perspectiva, os estudos da imprensa conferem debates díspares e, por vezes, conflitantes. Se por um lado existe a aceitação de que os jornais e revistas são porta-vozes das reivindicações sociais; por outro, a imprensa é acatada como órgão de articulação que age em prol das classes dominantes. Todavia, ambos os enfoques a desvelam enquanto disseminadora de convicções ideológicas, possibilitando entrever sua função formadora a partir do processo educativo informal.

No Brasil oitocentista as páginas da imprensa acentuavam as divergências próprias de um país que estava buscando implantar o modelo republicano, mas que ainda não havia se desfeito das suas concepções conservadoras. As classes dominantes se faziam pela direção social e enxergavam na imprensa um instrumento da hegemonia. Se ponderarmos que a imprensa, de modo geral, servia a princípios concordantes com o dos intelectuais do período, podemos aceitar como referencial teórico para sua abordagem os conceitos de hegemonia e de ideologias que controlam a sociedade civil (GRAMSCI, 1982, 2006).

Esse aspecto estava – e continua - presente nos intelectuais da imprensa, os quais tecem seus discursos para convencer seus leitores das ideias que defendem. Os periódicos religiosos do século XIX, que circulavam na corte brasileira, dentre eles os da imprensa espírita, são exemplares para o entendimento hegemônico que estampava a moralidade e a caridade para assegurar o consenso das suas convicções.

A hegemonia nem sempre se estabelece tranquilamente, pelo contrário, em sua implantação pode apresentar choques entre a ordem econômica e política posta, envolvendo ainda outros aspectos, como a cultura e a educação que ficam a serviço dos aparatos hegemônicos. Visto deste modo, o papel da hegemonia serve para que um grupo social, denominado de hegemônico, possa ter o “domínio” e a “direção intelectual e moral” da sociedade civil, tomando para si o controle do Estado. (GRAMSCI, 1982).

Pelas páginas da imprensa podemos reconstruir a maneira pela qual os homens edificaram suas vidas. Nela é possível buscar aproximações das ideias que daqueles que governavam a sociedade, ou um determinado Estado, no momento em que ela, a imprensa, foi escrita. Por isso, todo entendimento sobre a ideologia de um momento histórico, mesmo os que são publicados na imprensa, deve ser precedido pela explicação de como os homens viviam, quais suas formas de sobrevivência e como se relacionam com o modo de produção em que se inserem.

### **3 Os intelectuais do espiritismo brasileiro**

A segunda metade do século XIX foi expressiva para a intelectualidade brasileira empolgada com as ideias européias que chegavam aos círculos letrados em diversos cantos do país. Os ideais racionalistas apresentavam-se por concepções que se intitulavam científicas e aliavam-se em torno do discurso principiado por conceitos afrancesados, como o de liberdade, ordem e progresso. Contudo, a historiadora Emilia Viotti da Costa enfatiza a existência de disparidades entre o Brasil e os modelos europeus, fazendo com que as teorias reproduzidas pelos intelectuais brasileiros não passasse do âmbito discursivo, para que pudessem ostentar o país como sendo uma nação civilizada.

Mesmo quando estavam cientes da distância que havia entre a teoria e a prática, entre cidade e campo, iam buscar nos modelos interpretativos europeus a explicação para o que lhes parecia a ‘anomalia’ da realidade brasileira. Não raro suas aspirações inovadoras significam menos uma resposta às necessidades estruturais, que eles próprios desconheciam, e mais

o desejo de criar no país as condições necessárias para elevá-la a categoria das nações civilizadas (COSTA, 1977, p. 203).

O movimento que trouxe os alicerces progressistas estava assegurado pela noção de eficácia da ciência. Porém, a crença de que a materialidade transformaria o Brasil se esvaía, uma vez que era necessário transformar as condições estruturais que sustentavam a sociedade, ou seja, as relações patriarcais e conservadoras de um país escravista, católico e rural.

Assim, o mesmo movimento que fez chegar às explicações sobre o cientificismo foi o responsável por trazer as abordagens que envolviam a grandeza da alma sem recorrer aos ditames das posições conservadoras da Igreja Católica. Em outras palavras, a Doutrina Espírita surgia como opção para os intelectuais ansiosos por implantar a moral modelar capaz de fazer a alma evoluir, ganhando espaço percepções anticlericais, ao mesmo tempo em que reunia indivíduos preocupados com a ciência vinda na Europa, a exemplo do Positivismo.

Num contexto que estimava pela observação empírica, pautada nas ciências positivas, aumentava o número de interessados nos fenômenos invisíveis que desafiavam a lógica científica. As investigações que pareciam inovadoras para os intelectuais brasileiros da época já eram realizadas com certa frequência na Europa, principalmente em linhas de pesquisas que avaliavam a veracidade das manifestações sobrenaturais, como o magnetismo, o sonambulismo e a hipnose. Em sua maioria, estes temas estabeleciam conexão com as pesquisas feitas por Allan Kardec e que resultaram no espiritismo.

Os estudos kardecistas foram apresentados ao Brasil oitocentista como uma possibilidade de compreender o mundo pela interface que agrupava a religião com a filosofia e a ciência, tornando-se assim, bem quista por alguns intelectuais ávidos pela modernização do pensamento religioso brasileiro. Contudo, as investigações sobre espiritismo não conseguiam penetrar largamente em todos os meios intelectuais.

A dificuldade na aceitação do espiritismo enquanto uma nova ciência revela que a Doutrina Espírita esteve longe de exercer a hegemonia. O descrédito científico aliava-se com os conflitos no campo religioso. Pesava para os crédulos na ciência espírita, porém, o peso era ainda maior em relação às contestações vindas dos católicos fervorosos, que colocavam barreiras difíceis de serem transpostas.

Outros nomes de relevo também se opuseram ao espiritismo no Brasil, dentre eles podemos citar Olavo Bilac e Machado de Assis. Ambos repudiavam a doutrina como sendo portadoras de teses absurdas, sem fundamentação plausível. Sobre esse assunto, Ubiratan Machado, autor do livro **Os intelectuais e o espiritismo**, afirma que:

O caso de Bilac é exemplar. Em diversos sonetos, ele tratou do tema da reencarnação. Apesar de muitos manuais de divulgação da doutrina informarem que o poeta foi espírita, a verdade é que ele não só não acreditava na fenomenologia espírita como repudiava asperamente tudo que evocasse o espiritismo. Atitude muito semelhante, aliás, a de um realista que se formara sugando o leite romântico: Machado de Assis (MACHADO, 1983, p. 155).

Machado de Assis criticou veementemente a Doutrina Espírita, descrevendo-a em dois momentos. O primeiro referente à sua chegada, quando deixava obscura a razão dos intelectuais que seguiam aos postulados kardecista, mesmo os que faziam por entretenimento e curiosidade, e um segundo momento, quando já estava engajada por vários intelectuais, a doutrina seria a prova de uma demência. Em uma crônica de 07 de junho de 1889 o romancista ironizou a doutrina escrevendo que:

Não é vagarosa nem súbita, um meio-termo, com este característico: o espírita, a medida que a demência vai crescendo, atira-se-lhe mais rápido. O ultimo salto nas trevas dura minuto e meio a dois minutos. Há casos excepcionais de cinco e dez minutos... o espírita está perdido a olhos visto; os atos e palavras indicam o desequilíbrio mental (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 191).

Os ataques aos espíritas partiam também padres, beatos, e bispos da Corte e de outras províncias, que atacavam ferozmente os preceitos doutrinários do espiritismo, como por exemplo, a reencarnação e a comunicação com os mortos. A busca por inserir a Doutrina Espírita contrariava uma sociedade habituada com os dogmas católicos. Para a Igreja Católica não era possível aceitar a introdução dos princípios que contrariavam a ressurreição e postulava a possibilidade da alma voltar para evoluir e corrigir os erros do passado, como divulgava o espiritismo.

Consideramos que as querelas teóricas envolvendo a Igreja Católica e o movimento espírita giraram em torno da oposição entre a idéia espírita de **reencarnação** e da evolução do espírito como via salvífica e a idéia católica de **ressurreição** e da misericórdia divina como graça de salvação, como também de possibilidade/ impossibilidade da comunicação com os mortos e da pretensão 'científica' do espiritismo em desvendar o transcendente em contraposição à aceitação católica diante do **misterium** indecifrável. (CAMARGO, 1971, p. 139, grifo do autor).

Para termos dimensão da contenda, podemos citar dois acontecimentos marcantes. O primeiro deles é a carta que foi enviada ao Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da

Silveira, por Manoel da Silva Pereira, ex-major do exército. A carta criticava os ensinamentos espíritas que estavam sendo publicados pelo jornalista baiano, Luiz Olympio Telles de Menezes em Salvador. A segunda contenda foi estabelecida pelo Padre Juliano José de Miranda, da província da Bahia, o qual escreveu para o próprio Telles de Menezes, mostrando sua contrariedade aos princípios doutrinários do espiritismo (FERNANDES, 2003, p. 68).

Como forma de rebater as críticas, Telles de Menezes, pioneiro nas publicações espíritas, respondeu criando o jornal **O Écho d'Além Túmulo**, periódico que iniciou suas atividades em 1869 e visava defender “[...] a verdadeira ciência, capaz de aproximar o homem de Deus” (Ó ÉCHO D’ALÉM TÚMULO, jul. 1869, n. 1, p. 1).

Outros desentendimentos entre católicos e o iniciador das publicações espíritas no Brasil tomaram proporções maiores, fazendo com que a *Sociedade Anônima para Estudos Espíritas*, na França, se pronunciasse a respeito. Em 11 de Outubro de 1869, a referida sociedade remeteu carta a Telles de Menezes publicada na Revista Espírita nos seguintes termos:

Para nós, o espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. Não ignoramos que o caráter e a crença daqueles a quem se dirige o Eco de Além-Túmulo devem levar o Sr. Luiz Olympio a manejar certas susceptibilidades. Mas acreditamos, por experiência, que a melhor maneira de conciliar todos os interesses consiste em evitar tratar de questões que a cada um cabe resolver, e empenhar-se em popularizar os grandes ensinamentos que encontram eco simpático em todos os corações chamados ao batismo da regeneração e ao progresso infinito. (REVISTA ESPÍRITA, 1869, 475)

Pelo que podemos perceber a disseminação do espiritismo no Brasil deveria seguir apoiando-se pela ciência, caso contrário, os embates com os católicos seriam inevitáveis. Para além, o posicionamento religioso era bem aceito até certo ponto, pois mesmo que parcela dos intelectuais brasileiros oitocentistas fosse anticlericais não conseguiram de imediato fazer com que a ideologia espírita assumisse o consenso.

Somadas às condições adversas, o estudo dos textos básicos do espiritismo era circunscrito aos homens letrados, muitos deles oriundos de famílias ilustres, que tinha na França o destino preferido para a formação estudantil, aproximando-os do que havia de mais inovador, tanto em termos religiosos, como científicos. Os filhos da elite agrária que cresceram no âmbito rural e na mocidade se mudaram para cidades cresceu acentuadamente na segunda metade do século XIX. Eles buscavam o contato com as concepções

modernizantes importadas da Europa, deixando para trás o ambiente rural que ainda era presente. Emilia Viotti da Costa, ao se referir aos letrados do período, assegura que:

Alguns vivendo na cidade que se modernizavam rapidamente tenderiam a não ver a realidade mais ampla que estava atrás das fachadas modernas e das instituições políticas importadas, esquecendo-se que o sertão ainda governava o país. Inebriavam-se com a literatura européia, as modas européias, fossem elas filosóficas ou políticas. Nesse sentido a cidade teria para eles um efeito alienador (COSTA, 1977, p. 203).

O espiritismo nasceu no Brasil em atmosfera citadina, trazendo consigo o legado que atravessou o Atlântico e estampava as páginas da imprensa. As notícias que chegavam ao Brasil serviam para aguçar a curiosidade de muitos leigos e envolver novos adeptos. A imprensa também servia para atrair católicos que não aceitavam relativizar a sua fé, mas que se escondiam por trás de uma suposta filosofia científica. Assim, o espiritismo como religião permitia que seus defensores brasileiros, muitos deles anticlericais, não rompessem com suas convicções religiosas, permanecendo fiéis ao catolicismo e ao mesmo tempo estudando os princípios doutrinários de Kardec. Porém, esse aspecto não contraria o fato de que “[...] o espiritismo nacional acentua o lado religioso, com caráter reformista e sectarista no campo moral e religioso [...]”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 15).

Sem dúvida, os imigrantes franceses no Brasil foram mais receptivos ao espiritismo, tanto é que Casimir Lieutaud, professor parisiense que veio para o país com sua na década de 1850, lançou o livro intitulado *Les temps sont arrivés*, escrito e publicado em francês no ano de 1860. Casimir Lietaud ocupou o cargo de diretor do Colégio Francês, instituição que gozava de grande prestígio na Corte. Seus escritos se juntaram aos de Adolpho Hubert e Madame Perret Collard, ambos franceses que moravam no Brasil e dividiam a responsabilidade pelo jornal *Courrier du Brésil*, cuja redação tinha uma linha notoriamente anticlerical.

Damazio (1994) evidenciou no livro **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Brasil** que o ambiente cultural do Brasil estabeleceu as condições favoráveis ao surgimento do espiritismo. De acordo com a autora, num primeiro momento a acolhida se deu pelo discurso entendido como científico-filosófico e, depois pelas afinidades religiosas.

A vertente religiosa espírita sofreu outras influências que merecem ser lembradas, pois a tradição espiritualista em se comunicar com os mortos não nasceu no século XIX, mas vem desde os tempos de colônia. No Brasil houve, desde cedo, o encontro das crenças européias com os elementos culturais dos indígenas e, posteriormente, das tendências



africanas que, ao se emaranharem com as crenças católicas populares, acabaram por criar um espiritualismo que perdura até hoje. (CAMARGO, 1961, 1971).

Se hoje conhecemos o espiritismo como uma religião minimamente sistematizada entre diversas outras em oferta no mercado religioso brasileiro, é porque por detrás de todo esse processo de sua introdução e legitimação no Brasil, um grupo frente aos demais conseguiu vencer a disputa e alcançar assim a posição estatutária de ditar o que seria (ou não) espiritismo (ARRIBAS, 2010, p. 54).

A mística religiosa brasileira demonstrava interesse pelo sobrenatural, do mesmo modo, permitia aos inúmeros católicos procurarem o benzedeiro para curar de um mau-olhado ou expulsar os demônios. A mistura das crenças serviu para a aceitação dos fenômenos sobrenaturais que, em meados do século XIX, fizeram as mesas girarem ou um espírito desencarnado se comunicar.

Se a reencarnação era um dos fatores contrários ao conservadorismo católico, o mesmo não ocorria com outros princípios da Doutrina Espírita, como o ideal de moral e de caridade. No entanto, os interesses contraditórios entre a cosmogonia espírita e a católica fizeram com que o processo de conversão dos primeiros intelectuais espíritas não ocorresse tranquilamente, principalmente quando recorremos a biografias marcadas por conflitos de ordem pessoal e por cobranças que partiam das pressões sociais. Pesava aos intelectuais desse período declarar a afinidade com o espiritismo, pois “[...] era cada vez maior o número de espíritas que se escondiam no anonimato” (MACHADO, 1983, p. 151).

Os intelectuais se distinguiam por atuar em profissões liberais que representavam a elite urbana e sabiam dos instrumentos que poderiam ser utilizados para facilitar suas convicções. Nesse sentido, fizeram da imprensa a porta-voz de suas ideias, sem colocar em risco a posição hegemônica que ocupavam.

Entretanto, o ideário dos grupos religiosos não diferia no que tange as concepções moralizadoras que deveriam permanecer na política e que, em grande parte, vinham de suas convicções religiosas. Estes grupos eram compostos por intelectuais que faziam parte da elite imperial e partilhavam das contendas que envolviam temas caros ao momento, como a abolição da escravidão e a interferência da Igreja no Estado e vice-versa.

O fato dos intelectuais espíritas da elite brasileira participar dos debates sobre os direcionamentos políticos não significa que detinham o poder de transformar o quadro político posto, questão que ficava mais aguda na ausência de instituições representativas. A

organização dos grupos espíritas não privilegiava até então uma associação ou outra forma de representatividade que congregasse a todos e, nem mesmo, a maioria dos espíritas.

No Rio de Janeiro, a construção de unidades representativas começou a se dar com a implantação dos centros espíritas que se alargou após 1873, quando foi fundado o Grupo Confúcio. A partir de então, diversos adeptos dos estudos espíritas começaram a partilhar de ideais parecidos, que, de maneira geral, fazia coro ao progresso e a modernização.

No ano de 1876 foi fundada a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, a qual tinha à frente Bittencourt Sampaio. Porém, a sociedade não teve vida longa, tendo em vista as desavenças entre os científicos e os religiosos. As disputas internas, juntamente com a falta de coesão entre as correntes científicas e religiosas, fizeram com que no, ano de 1884, fosse criada na cidade do Rio de Janeiro uma entidade que pudesse unir os diversos núcleos e tendências espíritas numa única representação, a Federação Espírita Brasileira – FEB, que pretendia ser o órgão máximo na representação do espiritismo no Brasil. Foi a partir de então que o espiritismo assumiu seu lado mais religioso, mas jamais deixou de se identificar como uma doutrina de peculiaridades diferenciadas pelo discurso progressista.

O desejo de ser moderno fez com que homens como Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Joaquim Carlos Travassos, Luiz Olympio Telles de Menezes, Ewandro Quadros e Bezerra de Menezes, dentre outros, acatassem formas de pensar que agrupassem a religião e a modernização.

#### **4 A Moral e a Caridade como princípios pedagógicos na Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade**

O primeiro jornal espírita impresso e publicado no Brasil foi **O Écho d'Além Túmulo: monitor do Spiritismo no Brasil**. Datado de 1869, o jornal era impresso na Tipografia do Diário da Bahia, em Salvador. As “Condições d'a assignatura” eram especificadas na página do próprio jornal, na qual se podia ler que “O Echo d'Além Túmulo apparece, bimestralmente, em um folheto, in-8, contendo 50 páginas de impressão [...] o pagamento deve ser sempre adiantado, para não haver interrupção n-a entrega”. (O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO, jul. 1869, n.1, p.1).

O jornal foi o pioneiro na área, sendo responsável por conquistar os primeiros adeptos da doutrina. O periódico detalhava os primeiros passos do espiritismo na Europa, chamando a atenção para a ação moralizadora que o espiritismo deveria cumprir. Os problemas que afligiam o Brasil do período não poderiam ser deixados de lado e necessitavam ser repensados

pela religião. As publicações que saíram do primeiro periódico espírita da Bahia, parecia entender o contexto nacional (FERNANDES, 2003).

O *Écho d'Além Túmulo* circulou até março de 1870, contudo deixou para a imprensa espírita brasileira o legado de ter sido o pioneiro de um tipo de editoração que assumiria proporções expressivas, estendendo-se até nossos dias. Para além, a defesa do amor e da caridade era tecida pelo espiritismo como a via para a felicidade.

Esta verdade manifesta-se com maior clareza no progresso da civilização; entretanto não basta isso; conquanto suavise Ella os costumes d'os povos, não produz todavia essa suavidade capaz de implantar o amor e a charidade no coração d'os homens: o melhoramento, portanto, trazido pela civilização, é todo exterior e não se inocula nas almas. A unidade nas crenças é o único meio efficaz para conseguir-se esse desideratum, a perfeição moral d'os homens, a qual consiste na profunda fé em Deos, na esperança d'a felicidade d'a vida futura, e na charidade fraternal dos homens entre si: - é esse o único caminho que levará o homem à Deos (O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO, mar. 1970, n. 5, p. 211).

O fechamento do jornal precursor da imprensa espírita brasileira deixou resquícios que seriam utilizados em impressos posteriores, à exemplo da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, que teve sua primeira publicação em janeiro de 1881. A impressão da revista era feita em tipografia mantida pela própria sociedade, sediada no Rio de Janeiro. A responsabilidade da revista estava a cargo dos membros da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*.

A *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade* pretendia ser o órgão oficial de divulgação dos “estudos e trabalhos” realizados em seu âmbito, bem como reunir outras entidades espíritas do período. Além disso, o periódico divulgava as decisões administrativas da organização que a idealizou. No frontispício do primeiro número publicado constava a seguinte informação:

A Revista, órgão official da Sociedade, redigida por sua Directoria, tem por fim preencher as vistas sociais, levando aos seus Membros o conhecimento das resoluções e deliberações administrativas e transmittindo o resultado dos estudos e trabalhos da Academia Spiritia de Sciencias. Será distribuída nos círculos ate o ultimo dia do mez (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, front.).

A circulação do periódico era mensal e destinava parte significativa de suas colunas para o Editorial, no qual se podia ler sobre a inauguração de grupos espíritas, encontros dos seguidores do espiritismo realizado na Corte e notícias sobre o andamento do movimento

espírita no Brasil. O último número do periódico ocorreu em de julho de 1882, quando a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade vivenciava uma crise por falta de adeptos, que requeriam outra instituição menos restrita e que pudessem representar todos os Espíritos, dando abertura para a Federação Espírita Brasileira, consolidada em 1884.

O periódico privilegiava vários assuntos e, reconhecidamente, sabia de seu papel pedagógico e doutrinário. Para facilitar à disseminação dos princípios kardecistas, a “Sociedade Acadêmica” criou também uma biblioteca que era aberta aos interessados em estudar o espiritismo. Segundo a própria sociedade, a finalidade da biblioteca era instruir, porém, afirmava que não era seu objetivo expor apenas os ideais do espiritismo, e sim auxiliar com todos os outros ramos da ciência:

Esperamos que a nossa a nossa Biblioteca pretará valioso auxilio a instrução, principalmente aos homens de trabalho; Porque devendo conter obras sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos, conserverva-se-há, por deliberação do Centro, aberta todos os dias, inclusive os santificados, á disposição dos membros da Sociedade e do público, das 10 horas da manhã ás 9 da noite (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n.1, p. 23).

A *Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Christo e Caridade* valia-se das ideias progressistas presente nos intelectuais espíritas que a utilizavam na tentativa de criar uma hegemonia partidária aos ideias doutrinários do kardecismo. As concepções de caridade, amor e evolução deveriam aderir ao debate que ocorria na Corte, servindo como fundamentadores do tipo de homem que o espiritismo deveria formar. Logo, pressupõe um ideal pedagógico voltado para noções de mundo apreciadas pela época. Nos números analisados para este trabalho, observamos que em sua maioria continha alguma referência a formação dos homens mediante aos princípios espíritas. Seguindo esta perspectiva formativa a revista dizia que a leitura e os estudos são “[...] frutos da intelligencia humana, ainda mesmo os não sazoados pela sã razão todos elles concorrem para o desenvolvimento e progresso [...] elevando-os a maior nível moral e intelectual” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n.1, p. 23).

Afirmar que os estudos eram significativos para o avanço intelectual e moral dos homens não era uma prerrogativa da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Em outros jornais da época o mesmo discurso se repetia de modo significativo.

O debate que se fazia se alastra até nossos dias, em que a educação é compreendida como fator de inserção social. Entretanto, no século XIX, outras questões próprias do contexto histórico negavam o ensino formal à maioria da população livre. A pouca educação

estava voltada às elites urbanas ou aos provenientes das elites rurais que conseguiam fazer com que seus filhos fossem estudar na Europa. Independente de estudar na Europa ou na Corte, o ensino deveria pautar-se no progresso:

Ensine-se a grande lei do progresso – Caridade e amor, - estabeleça-se a fraternidade e a paz universal, e a humildade compreenderá que só póde adorar a Deus em espírito e verdade, aquelle, que para externar o seu culto intimo, faz aos outros o que queriam que lhe fizessem. (REVISTA DA SOCIEDADE..., abr. 1881, n. 4, p. 112).

Ao evidenciar os princípios morais e chamar a atenção para o ensino a imprensa espírita auxiliava com a educação, ainda mais numa sociedade em que o sistema educativo formal não alcançava a todos. A Doutrina Espírita apresentava interfaces com um novo modelo de educar, expondo ser a moral como o caminho adequado para a transformação do espírito, que deveria evoluir progressivamente através da caridade. Em uma célebre frase, Allan Kardec registrou o que seria o maior lema da Doutrina Espírita: “Sem caridade não há salvação”. A moral e a caridade eram vistas como os fundamentos educativos pertencentes ao homem bom, consciente de que seus atos terrenos poderiam ser punidos no além túmulo, caso não fossem adequados à evolução do seu espírito.

Em diversos momentos, o periódico serviu para mostrar que os homens cultos estavam preocupados com o progresso da nação e, para efetivarem o progresso, escolheram a religião como o meio mais louvável. Apesar da educação não constituir o foco central das discussões feitas por esses intelectuais, não podemos eximir que os estudos espíritas tinham por finalidade uma formação moral via imprensa.

Para alcançar esse desideratum, a divulgação e a uniformização, cumpre lançar mão, não só dos meios que possam concorrer para produzi-lo naturalmente, pela evolução lenta; mas também, de outros que o provoquem, que mesmo possam precipitar o resultado.

Entre os primeiros figuram: as sessões spiriticas, de estudo e de propaganda; a fundação de Sociedades spiritistas, e a publicação de Jornaes, Revistas e Obras (REVISTA DA SOCIEDADE ACADEMICA DEUS... 3 de out. de 1869, p. 17).

Nestes termos, a educação espírita deveria promover o estudo em locais propícios, ou seja, as reuniões espíritas. Segundo Damazio (1994), as reuniões eram encontros em que ocorriam desde a leitura das obras kardecistas, até o estudo sistemático da física e da religião. A primeira, para explicar os eventos do mundo espiritual, comprovados através da comunicação com os desencarnados. Contudo, o que os jornais deixavam transparecer era

uma formação calcada nos princípios já disseminados em outras vertentes, como a moral e a caridade.

## 5 Considerações Finais

Outros jornais espíritas que tinham maior circulação na Corte seguiam o mesmo propósito da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Contudo, a particularidade de tornar seus estudos como sendo científicos, fizeram com que a revista evidenciasse claramente seus propósitos de uma educação religiosa. O conhecimento produzido na Europa era constantemente citado revista, que pretendia reproduzir a formação europeia com a leitura dos textos doutrinários de Kardec.

Podemos inferir que a educação espírita encontrava entusiasmo nas ideias importadas, o que não era nenhuma novidade para o Brasil oitocentista, acostumado a se inspirar nas concepções do Velho Mundo. O espiritismo foi mais uma das tendências científicas que davam suporte ao projeto educativo oitocentista.

Ao consultarmos a imprensa espírita, em especial a revista da sociedade em questão, encontramos registros que asseveram a evolução do conhecimento consoante à prática da caridade. O desprendimento material em detrimento da valorização científica seriam as bases formativas para a humanidade. Ditos de outra maneira, os adeptos da doutrina kardecista acreditavam que o espírito evolui quando colocado em prática a ciência e para a caridade.

Por outro lado, existem teorias que identificam a caridade espírita como sendo a principal concepção utilizada pelo espiritismo para adentrar o solo brasileiro, uma vez que previa a aproximação com o cunho assistencialista da Igreja Católica. Os traços que permeiam a cosmologia do catolicismo e a cosmologia espírita assemelham-se no que tange a forma aos princípios doutrinários que cada uma deveria desenvolver.

## 6 Referências

ARAÚJO, J. C. S. A imprensa, co-participe da educação do homem. **Cadernos de História da Educação**. v. 1, n.1, p. 59-62, jan/dez. 2002.

ARRIBAS, C. G. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda, 2010.

CAMARGO, C. P. F. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.

\_\_\_\_\_. **Igreja e desenvolvimento.** São Paulo: CEBRAP, 1971.

COSTA, E. V. **Da monarquia a república:** momentos decisivos. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

DAMAZIO, S. F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do Espiritismo no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FERNANDES, M. O. **Vozes do céu:** os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. São Paulo: Mandacaru, 2003.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere:** os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. II.

KLOPPENBURG, B. **O espiritismo no Brasil:** orientação para os católicos. Petrópolis: Vozes, 1960. p. 15.

MACHADO DE ASSIS. **Bons dias:** crônicas (1888-1889). 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo.** Niterói: Lachâtre, 1983.

MARTINS, A. L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (Org.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO: monitor do Spiritismo no Brasil. Salvador, BA. Ano 1, jul. 1869- mar. 1870, n. 01 – 06.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro, RJ. jan. 1881, n. 1, 4, 7 / dez. 1882, n. 1-7.

REVISTA ESPÍRITA: Jornal de Estudos Psicológicos. 1862, 1869. Impressão e Tradução: FEB, 2004.